

## **Imprensa Negra Brasileira na Internet<sup>1</sup>**

Valmir ARAÚJO<sup>2</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campos, SP

### **Resumo**

O trabalho visa discutir o papel da imprensa negra brasileira na contemporaneidade, a partir de conceitos construídos por estudiosos da área e de um estudo exploratório sobre os canais negros da atualidade, observando informações como localidade, tempo de existência e suas respectivas relações com outros atores sociais. Para tanto, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e uma metodologia de estudo exploratório para identificar os canais da imprensa negra na contemporaneidade. Os resultados preliminares permitem destacar a importância da internet para este tipo de veículo de comunicação, apontando para um ambiente de fortalecimento da imprensa negra brasileira na atualidade.

**Palavras-chave:** imprensa negra; questões raciais; internet

### **Introdução**

A história do negro na realidade brasileira é repleta de equívocos e contradições, se levarmos em consideração a existência dos quatro séculos de escravidão, a discriminação racial dos descendentes dos povos escravizados e toda a discussão a respeito da democracia racial, que por sua vez contribuiu com a negação da existência de racismo no Brasil. É importante destacar que a imprensa tradicional brasileira, isto é, os grandes veículos de comunicação, tiveram um papel colaborativo com a existência desses equívocos e contradições, uma vez que ignoraram ou pouco discutiram às questões raciais a partir da perspectiva das pessoas negras. Por outro lado, a perspectiva histórica aponta para a existência de uma imprensa negra, que desde o século XIX, vem desempenhando um papel diferenciado no tratamento das questões étnico-raciais na realidade brasileira e é sobre este seguimento que trata o presente trabalho.

A imprensa negra é dotada de especificidades que a aproxima do conceito de mídia alternativa e popular, uma vez que tem como um dos seus objetivos a tentativa de oferecer espaço e protagonismo para as questões e os atores negros, que na realidade brasileira

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação Social pelo Poscom/Umesp, email: valmir.ptu@gmail.com

---

sempre em uma posição subalternizada na mídia tradicional. Contudo, existem canais da imprensa negra que seguem a lógica comercial da imprensa tradicional.

Historicamente, os canais da imprensa negra brasileira enfrentaram muitas dificuldades para se estabelecerem, sobretudo, em razão da questão econômica, o que por sua vez comprometeu o alcance desses veículos. Nesse sentido, a internet surge como uma saída promissora para os canais negros, ao oferecer uma plataforma de menor custo (numa comparação ao jornal impresso, por exemplo) e com possibilidade maior de alcance.

Assim, o presente trabalho busca, primeiramente, discutir o papel da imprensa negra; depois é apresentada uma síntese histórica sobre esses veículos de comunicação no Brasil; por fim, discute-se sobre os canais negros na atualidade, observando-se o papel da internet. Para contribuir com esta discussão, apresenta-se resultados de um estudo preliminar exploratório sobre a imprensa negra brasileira contemporânea<sup>3</sup>. A partir dessas informações, são observadas questões como a localidade dos canais negros, o período de existência, a relação desses veículos de comunicação com outros atores sociais e a atuação nas redes sociais.

Entende-se por estudo exploratório a pesquisa de imersão sistemática no campo em que se objetiva explorar, em conformidade com Gil (2010, p.152). Para realizar o presente estudo exploratório foram seguidas as seguintes etapas: definiu-se como imprensa negra apenas os canais que assim se apresentassem, excluindo blogs e páginas institucionais de órgãos governamentais e de movimentos sociais; buscou-se a identificação dos canais a partir das páginas nas redes sociais (Facebook) dos órgãos governamentais e de movimentos sociais, inclusive alguns com ramificações estaduais como o Movimento Negro Unido, que por sua vez compartilhavam postagens de matérias produzidas pela imprensa negra; a partir das páginas dos próprios veículos da imprensa negra na internet e no Facebook identificou-se as informações apresentadas nesse trabalho como localidades, período de existência, relação com outros atores sociais e seguidores nas redes sociais.

### **Papel da imprensa negra**

A partir de uma compreensão de que os meios de comunicação podem desempenhar um papel importante no processo de desenvolvimento de uma sociedade, torna-se importante discutir o potencial colaborativo dos órgãos de imprensa na sociedade brasileira. Primeiramente, importa discorrer sobre o conceito de imprensa negra. Para sociólogo

---

<sup>3</sup> O estudo exploratório sobre a imprensa negra brasileira contemporânea é parte do trabalho de pesquisa, em desenvolvimento, voltada para a tese de doutorado do autor.

Roger Bastide, um dos primeiros pesquisadores a estudar a imprensa negra brasileira (do início do século XX), esses foram jornais especializados na divulgação dos mais diversos conteúdos relacionados ao cidadão negro: “A imprensa negra nasce do sentimento de que o preto não é tratado em pé de igualdade com o branco; sua primeira tarefa será, pois, ser um órgão de protesto” (BASTIDE, 1983, p. 134).

Já Moura (1994, p.186) afirma que a imprensa negra é “portadora de uma linguagem alternativa, devendo ser considerada, dentro da sua estrutura de expressão, uma parte da cultura brasileira”. Esse autor chama atenção para a pouca relevância que a sociedade brasileira confere às publicações negras, seja da imprensa ou da literatura negra, em razão dos códigos de linguagem negros não serem reconhecidos como uma “manifestação valiosa”

Neste trabalho, discute-se imprensa negra a partir da conceituação de veículos de comunicação especializados em temáticas relacionadas à luta contra a discriminação racial, à discussão étnico-racial, à diversidade, às demandas da população negra ou ainda na narrativa de outros assuntos (de ordem econômica, política, esportiva, moda ou comportamento) em que o negro é apresentando enquanto protagonista na discussão.

Os primeiros canais da imprensa negra surgem no Brasil em um formato alternativo e contra-hegemônico<sup>4</sup> de comunicação, com características diferenciadas em relação a imprensa tradicional, em termos de formato, conteúdos produzidos e comercialização. Para Peruzzo (2008, p.4), a comunicação alternativa e popular está relacionada à caracterização de uma expressão das lutas populares com conteúdo “crítico-emancipador” e “reivindicativo” e tem o “povo” como “protagonista principal”. Nesse sentido, é possível estabelecer uma relação desse conceito com parte da imprensa negra brasileira, em razão do intuito desses canais em propiciar a visibilidade ao cidadão negro, que por sua vez aparece como uma classe subalternizada na realidade brasileira.

A existência de canais de comunicação negros não é uma exclusividade do Brasil, pois existem relatos de diversos canais com proposta similar em outros países que convivem com conflitos étnico-raciais, como os Estados Unidos. “A imprensa negra, desde os primórdios tempos, tem construído um movimento de caráter transatlântico e transversal”, afirma Alakija (2012, p. 144), destacando ainda o importante papel da imprensa negra de afirmação da identidade do povo negro no continente americano.

---

<sup>4</sup> O termo contra-hegemônico pode ser utilizado para demarcar um projeto antagonico em termos de luta ideológico em relação ao que é hegemônico, isto é, aquilo que tem influência dominante, liderança ou superioridade.

Na realidade brasileira existiram diversos veículos de comunicação nos mais variados formatos como os pasquins<sup>5</sup>, jornais, revistas, programas de televisão e mais recentemente sites na internet. No entanto, é possível apontar que nas diferentes propostas está presente o caráter emancipatório do povo negro. Nesse sentido, a existência dos canais negros ao longo da história aponta para a resistência do negro frente aos injustos processos pelos quais passaram os negros brasileiros.

Para melhor visualizar a colaboração ao longo da história ou o potencial da atual imprensa negra para com o desenvolvimento do cidadão negro brasileiro, torna-se importante destacar sobre qual concepção desenvolvimentista estamos falando. A concepção de desenvolvimento pode variar do sentido modernista, que é amplamente difundido pela imprensa tradicional, a um desenvolvimento participativo, que por sua vez estaria mais relacionado ao intuito da comunicação alternativa, comunitária e popular.

Para Peruzzo (2014, p. 162), apesar das concepções variarem, a palavra desenvolvimento aponta para “à ideia de progresso, avanço ou melhoria de uma dada situação”. Assim, quando se tem em mente o desenvolvimento participativo, é também considerado que os diferentes grupos alcancem os benefícios e melhorias, mas por meio de um processo diferenciado em que haja participação e protagonismo do grupo em questão. E nesse sentido, a comunicação pode deixar de ser apenas um meio de ‘convencer’ as pessoas sobre novas práticas e ser um instrumento de colaboração social.

A comunicação, na ótica do desenvolvimento participativo, integral e sustentável, constitui-se como parte de processos de emancipação social, porque se insere em práticas organizativas de caráter comunitário orgânicas às necessidades e interesses dos grupos envolvidos. Deste modo, ela contribui para o desenvolvimento integral de todas as pessoas (PERUZZO, 2014, p. 189).

É possível ainda apontar a importância dos meios de comunicação para o engajamento de determinados grupos sociais focados em causas específicas. Nesse sentido, a imprensa negra a partir da produção de conteúdos relacionados às questões étnico-raciais no País, colabora ou tem potencial de colaborar com um processo de engajamento e organização do cidadão negro em busca de discutir propostas e reivindicar espaço e melhorias que apontam para o desenvolvimento participativo do povo negro e por consequência para o desenvolvimento brasileiro.

### **Canais da imprensa negra**

---

<sup>5</sup> Seguimento alternativo e de menor custo de jornais que tiveram forte participação no Brasil, principalmente nas primeiras décadas do século XIX e no período da ditadura militar (das décadas de 1960 a 80).

São vários os fatores que podem ser elencados para se justificar a criação dos canais da imprensa negra ao longo da história e na atualidade. A partir de algumas pesquisas sobre a imprensa negra brasileira, como Bastide (1983), Ferrara (1985), Pinto (2010) e Sodré (2015),   possível destacar o intuito de se produzir um conteúdo diferenciado da imprensa tradicional, no sentido de dar visibilidade ao cidadão negro, suas questões de vida e demandas. Nesse sentido, a cria o de canais negros aponta para a existência de novas narrativas sobre o negro na realidade brasileira.

Para Marcondes Filho (1989, p. 11), “criar jornais   encontrar uma forma de elevar a uma alta potência o interesse que têm indivíduos e grupos em afirmar publicamente suas opiniões e informa es”. Assim, a cria o de um novo jornal pode ser vista como um eco às posi es de classes ou grupos que passarão a apresentar, por meio de seus conteúdos, perspectivas a partir de suas respectivas ‘verdades’ sobre os diferentes assuntos.

Ao pensar especificamente sobre a cria o dos jornais, revistas e sites da imprensa negra   possível destacar que suas intenc es podem estar relacionadas com o sentido de apresentarem uma nova proposta de narrativa que tenham como objetivo mostrar a perspectiva dos negros na sociedade brasileira nos mais diferentes assuntos, buscando uma diferencia o da imprensa tradicional, em que a voz do negro   tímida, ausente ou apresentada de maneira sensacionalista, como aponta Mello (2004, p.42)

Contudo,   importante destacar que nem toda cria o de um canal de comunica o com conteúdo sobre negros pode ser definida como imprensa negra e para elucidar essa diferencia o importa discutir o sentido de imprensa, enquanto designa o coletiva para se referir aos canais jornalísticos de comunica o. Chaparro (1994, p. 27) afirma que a discussão que envolve a defini o de jornalismo   complexa pois “se trata de um processo social e cultural de intermedia es, com múltiplos emissores produtores”.

A discussão sobre o que   jornalismo   plural, ampla, diferenciada e passa perspectivas diferenciadas entre autores e correntes de pensamento. Assim, vale resgatar as características ou conceitos básicos do jornalismo descritos por Otto Groth, ainda no início do século XX ao defender a “ciência dos jornais”, que seria a universalidade, a periodicidade, a atualidade e a difusão (GROTH, 2011, p. 144).

Também chama aten o a discussão a respeito da produ o dos canais de imprensa, que segundo Chararro (1994, p. 24) pode ser definida como uma “narra o da atualidade para alimentar processos sociais”. Nesse sentido, apesar de possuir amplo significado,  

possível considerar como imprensa os órgãos especializados na produção de conteúdos voltados para as mais diversas leituras da realidade social.

Em linhas gerais a imprensa tradicional tende a trabalhar com a produção de notícias, buscando abordar questões factuais por meio de uma imparcialidade muito questionada, sobretudo no meio acadêmico. Marcondes Filho (1980, p. 15) argumenta que “a política da notícia tende a incentivar permanentemente a passividade, a acomodação e a apatia em seus receptores”. A produção de notícias, amplamente utilizados pelos jornais brasileiros não seria uma regra para a imprensa alternativa, uma vez que o intuito desses canais é justamente dar voz aos atores excluídos nos processos de produção dos grandes jornais. É importante observar que a imprensa, mesma a tradicional, também possui outros tipos de produção, como artigos, colunas, crônicas, notas, dentre outras nomenclaturas. De acordo com Chaparro (1998, p. 118), a produção jornalista tem predominância pelo “relato” e o “comentário”, sendo o primeiro relacionado às publicações “do acontecimento, potencializando seus efeitos transformadores” e o segundo com uma proposta de “discussão sobre os acontecimentos”. Nessa diferenciação de gêneros jornalísticos propostos por Chaparro (1998), artigos, crônicas, cartas fariam parte do comentário; enquanto reportagem, notícia, entrevista e coluna do relato.

Independente do formato de texto utilizado é possível considerar que imprensa negra cumpri uma importante função no sentido de contribuir com o fomento de um debate público sobre o espaço ocupado pelo negro na sociedade brasileira. É necessário considerar que a mídia tradicional também cumpre esse papel ao produzir conteúdos voltados para a situação do cidadão negro brasileiro, mas de forma esporádica e quase sempre em datas específicas, como no dia da Consciência Negra (20 de novembro), ou após a divulgação de dados sobre à situação negativa na população negra.

Também é possível considerar a importância dos canais negros em pautar o debate racial na imprensa tradicional, como argumenta Rosa (2014):

Como exposto, desde o seu surgimento, em 1833, a imprensa negra e os jornais negros estavam inseridos na luta contra o racismo, a discriminação e o preconceito racial no Brasil. Essa origem e tais características são fundamentais para o entendimento não somente da imprensa negra, mas também para a compreensão da imprensa brasileira. Pois, é a imprensa negra parte integrante da imprensa brasileira e sua existência tem potencial colaborativo para a reflexão sobre a presença e os efeitos do racismo na imprensa brasileira, em particular na grande imprensa (ROSA, 2014, p. 560).

Contudo, o papel da imprensa negra extrapola a função de influir na produção da mídia tradicional, sobretudo se levar em consideração a pouca visibilidade social dos líderes

negros da história brasileira e seus feitos. Nesse sentido, pode-se considerar uma ausência de referências negras para parte da população com acesso restrito aos meios tradicionais de comunicação e sem muito aprofundamento sobre a questão racial brasileira. E o grande problema nisso é a falta de pertencimento de grupo ou classe de parte da população negra. Em conformidade com Gramsci (1970 apud Marques de Melo, 1980, p. 13) “as classes subalternas, por definição, não são unificadas e não se pode unir até que elas tenham condições de se tornar um Estado: sua história, contudo, está imbricada com a da sociedade civil”. Nesse sentido, é possível considerar que a imprensa negra desempenha, desde sua criação um papel importantíssimo ao destacar os líderes negros e seus feitos. A população negra sempre ocupou uma condição subalternizada no contexto brasileiro e os diversos dados sociais, que apontam que os negros são os mais pobres, menos escolarizados, recebem os menores salários e que são as maiores vítimas da violência só comprovam esta realidade. A situação do negro brasileiro da atualidade é um reflexo do passado, conforme Moura (1994, p.131): “Não houve uma distribuição populacional, horizontal, igualitária [...] houve por tanto uma imbricação entre etnias, status, valores sócias e etnias e papéis sociais e culturas”.

Assim, os canais negros foram ao longo da história um dos poucos instrumentos de reflexão sobre a situação da população negra. Bastide (1983, p. 129) destaca que o surgimento dos canais da imprensa negra representa “aspirações a sentimentos coletivos” da população negra. Por outro lado, é preciso considerar as limitações da mídia negra brasileira ao longo da história, pois esses eram canais frágeis, com dificuldade de se sustentar e com inserção limitada uma vez que grande parte dos negros não tinham acesso à escola e, portanto, não sabiam ler. Contudo, Bastide (1983, p. 129) destaca que os jornais negros do início do século XX eram produzidos e bancados por cidadãos negros que tiveram alguma possibilidade de emergir socialmente e que tomaram consciência da importância de se dar visibilidade às questões raciais.

Ademais, a imprensa negra cumpriu um importante papel e segue cumprindo apesar de suas dificuldades, limitações e conquistas, propiciando uma possibilidade de olhar e discussão diferenciada sobre as questões que envolvem o negro brasileiros em meios aos meios de comunicação.

### **Perspectiva histórica**

O primeiro veículo da imprensa negra no Brasil é datado em 1833, o pasquim *Homem de Cor* em 1833, apenas 25 depois da criação do primeiro jornal *O Correio Braziliense*, em

1808. Conforme Pinto (2010, p.24), no ano de 1833, na cidade do Rio de Janeiro surgiu este e outros dois pasquins *Brasileiro Pardo* e *Lafuente*. Estes teriam sido os precursores da imprensa negra brasileira.

Criado na tipografia de Francisco de Paula Brito, um negro livre do Rio de Janeiro, O pasquim *O Homem de Cor* trouxe em sua primeira edição do lado esquerdo o parágrafo XIV do artigo 179 da Constituição de 1824: “Todo o Cidadão pode ser admitido aos cargos públicos civis, políticos e militares, sem outra diferença que não seja a de seus talentos e virtudes” e do lado direito uma frase do presidente da província de Pernambuco de 12 de junho de 1833: “O povo do Brasil é composto por classes heterogêneas, e debalde as intendem mistura-las e confundi-las, sempre alguma há se procurar e tender a separar-se das outras, e eis o motivo a mais para a eleição recair nas classes mais numerosas”.

De acordo com Pinto (2010, p. 42), os três primeiros periódicos negros tiveram um número limitado de publicações – *O Homem de Cor* de 14 de setembro a 4 de novembro; *Brasileiro Pardo* apenas uma edição em 21 de outubro e *O Lafuente* de 7 a 16 de novembro, todos em 1833. Contudo, é possível considerar um impacto no cotidiano social que causaram esses pasquins.

Esses jornais conseguiram demarcar e registrar um avanço de parte da população negra em seu próprio benefício. Existiram não no subterrâneo da história, mas nas ruas, casas, tipografias, em lugares públicos e privados da cidade do Rio de Janeiro, a cidade negra. Essa característica lhes confere grandeza, suas possíveis limitações lhe afiançaram humanidade (PINTO, 2010, p. 52)

Já na segunda metade do século XIX, quando surge o jornal negro *O Homem: Realidade Constitucional*, em Recife (PE), a discussão sobre o abolicionismo no Brasil estava mais adiantada. De acordo com Pinto (2010, p.56), esse jornal foi impresso na tipografia do *Correio do Recife*, a partir do dia 13 de janeiro de 1876, contando com uma coligação de 12 edições, com um nível técnico mais avançado que os pasquins fluminenses. Ainda segundo a autora, logo após o fim da escravidão, surgem jornais focados na exclusão socioeconômica do negro liberto, como *Pátria – Orgam dos Homens de Côr* e *O Progresso – Orgam dos Homens de Côr*, ambos em 1889, em São Paulo e *O Exemplo*, em 1892, em Porto Alegre.

Nas primeiras décadas do século XX a população negra passa a se organizar por meio de associações e grupos sociais buscando a proposição de mudanças para a perspectiva do negro. Isso ocorre em um período de franca disseminação do conceito da existência de uma democracia racial no Brasil, que se apresenta como uma proposta de findar o preconceito baseado na ideia de raças, mas acaba por contribuir com o ideário do Brasil



miscigenado. Um dos principais autores que sustentou este conceito por Freyre (2003), em sua obra *Casa Grande e Senzala* (edição original de 1933), que contou com o apoio do governo brasileiro e da imprensa tradicional para a sua disseminação (RAMOS, 2002). Por outro lado, a imprensa negra marcou presença neste período, principalmente com o fortalecimento da organização do movimento negro, que observou a importância da comunicação e passou a criar seus próprios jornais. Segundo Domingues (2007, p. 106), surge nesse período a Frente Negra Brasileira, com organização nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Bahia e Espírito Santo e mais de 20 mil associados, com toda uma estrutura, que incluía o jornal, o *A Voz da Raça* – criado na capital paulista em 1919. Como esse, vários outros jornais ligados ao movimento negro foram criados neste período. Só no estado de São Paulo foram catalogados pelo acervo público da Universidade de São Paulo 26 periódicos negros que existiram de 1903 a 1963 Bastide (1983, p.196) classifica a imprensa negra desse período como fundamental, pois eram, sobretudo, órgão de reivindicação, de solidariedade e de educação do povo negro: “reivindicação, contra tudo o que seja em detrimento da elevação do brasileiro de cor; de solidariedade, porque somente a união poderá quebrar o preconceito de cor; de educação, porque o preto só subirá com mais instrumentos”.

Durante as décadas de 1960 e 70 a imprensa negra é silenciada pelo regime da ditadura militar - isso ocorre principalmente em razão das entidades do movimento negro perderem sua legitimidade durante o período. A partir da década de 1980, os jornais negros ressurgem, com propostas de alinhamento ideológico às pretensões do Movimento Negro Unido (MNU), que pretendia desmontar o mito da democracia racial e propor novas estratégias de combate ao preconceito racial no Brasil (SODRÉ, 2015, p. 275).

Com a redemocratização, os jornais negros impressos, assim como outros periódicos alternativos passam a vivenciar um período de forte declínio, acompanhando um ciclo de queda do jornalismo impresso como um todo, que passou a sofrer com o aumento dos custos de produção. Contudo, nesse período surge um periódico negro e em formato comercial - não muito comum no histórico da imprensa negra brasileira – a *Revista Raça*, em 1996. Para Sodré (2015, p. 275) apesar dos altos e baixos “a imprensa negra, esta jamais deixou de refletir os protestos e esperanças dos descendentes de africanos”.

A partir dessa breve contextualização sobre a mídia negra é possível observar a posição diferenciada dos periódicos ao longo do tempo em relação à ideia hegemônica de democracia racial, por sua vez sustentada na mídia tradicional. Os jornais negros tiveram

uma posição diferenciada o que já aponta para um sentimento de resistência ao conformismo, que por diversas vezes é associado ao povo negro brasileiro. Apesar de limitada por fatores econômicos, de abrangência e enfrentado as dificuldades com a produção de uma mídia impressa, a imprensa negra brasileira assumiu uma posição de resistência ao abraçar a causa da necessidade de publicações de conteúdos midiáticos sobre as diversas questões relacionadas ao povo negro.

### **Papel da internet**

A internet que chegou ao Brasil no final do século XX e logo foi utilizada pela parte veículos da imprensa. Os grandes jornais brasileiros identificaram na internet uma possibilidade de expandir suas respectivas estruturas. Por outro lado, os movimentos sociais populares e seguimentos marginalizados visualizaram na internet a possibilidade de ampliarem sua voz em meios às discussões na sociedade.

Em conformidade com Peruzzo (2009), a internet possibilita a inversão da “lógica de produção centrada num emissor e dirigida a muitos (um/todos) para aquela em que todos podem se tornar emissores e serem lidos, vistos ou ouvidos”. Assim, é possível destacar a internet como uma potencialidade que pode ser explorada por diferentes grupos sociais e contribuir em seus diálogos com seus públicos.

Os canais alternativos e populares de comunicação puderam se beneficiar com a internet a partir de um processo colaborativo com os cidadãos. “Trata-se da prática do ‘jornalismo cidadão’ e de fontes abertas (open sources) da era digital, que derruba a figura do gatekeeper e incentiva a participação ativa das pessoas no fazer comunicacional”, (PERUZZO, 2009, 142).

Além de oferecer a possibilidade de potencialização dos canais alternativos e populares, a internet também permitiu o fortalecimento das dinâmicas comunicativas de ações coletivas dos grupos de movimento sociais desde a década de 1990 (ALCÂNTARA, 2016, p. 315). Assim, ao discorrer especificamente sobre a imprensa negra é possível considerar que os canais negros, que sempre apresentaram dificuldades para se estabelecer, possuem agora uma nova perspectiva de atuação com a internet.

### **Imprensa Negra Contemporânea**

Para melhor elucidar a discussão apresenta-se nesta seção informações sobre os canais da imprensa negra brasileira contemporânea, isto é, da atualidade. Segue um quadro com informações de um estudo exploratório, com nome dos canais, relação institucional deste com outros órgãos, data de criação, local (Estado) e número de seguidores no Facebook.

### QUADRO 1 – CANAIS DA IMPRENSA NEGRA

Canais	Relação Institucional	Criação	Local	Seguidores Facebook
<b>Bahia 1798</b>	Rede Bahia 1798	2012	BA	2.568
<b>Correio Nagô</b>	Instituto Mídia Étnica	2008	BA	16.535
<b>Jornal Afronta</b>	Projeto independente	2015	BA	3.132
<b>Lista Negra</b>	Projeto independente	2016	BA	1.852
<b>Revista Afirmativa</b>	Projeto independente	2014	BA	18.710
<b>Revista Quilombo</b>	Projeto independente	2016	BA	2.009
<b>Mídia Preta</b>	Fórum Juventudes BH	2016	MG	583
<b>Revista Acho Digno</b>	Projeto independente	2014	MG	2.063
<b>Por dentro da África</b>	Projeto independente	2013	RJ	530.693
<b>Nação Z</b>	Projeto independente	2003	RS	609
<b>Afrobrasileiros</b>	Afrobras	2013	SP	1.214
<b>Afroguerrilha</b>	Projeto independente	2015	SP	78.987
<b>Afropress</b>	ABC sem Racismo	2007	SP	5.374
<b>Alma Preta</b>	Projeto independente	2014	SP	23.159
<b>Bogueiras negra</b>	Projeto independente	2012	SP	229.000
<b>Geledes</b>	Inst. Da Mulher Negra	2009	SP	644.393
<b>Mundo Negro</b>	Projeto independente	2001	SP	176.862
<b>Noticiário Periférico</b>	Projeto independente	2007	SP	150.699
<b>Portal Africas</b>	Projeto independente	2008	SP	209.126
<b>Revista Afro Brasil</b>	Editora Minuano	1996	SP	375.998
<b>Revista O Menelick</b>	Projeto independente	2007	SP	388
<b>TNM</b>	Projeto independente	2012	SP	67.640

O Quadro 1 é formado a partir de canais identificados no presente estudo como imprensa negra. Todos os veículos de comunicação analisados estão presentes no meio digital, seja por meio de plataformas próprias e/ou presença em ao menos uma rede social - o Facebook, o que reforça a ideia sobre a importância da internet para a imprensa negra na atualidade. De início, já é possível discutir a presença da imprensa negra no contexto atual da realidade brasileira com a internet. Assim como ressalta o estudo realizado por Bastide (1983), sobre os jornais negros do início do século XX, a existência de uma imprensa

negra na internet também aponta para uma expressão do pensamento do cidadão negro nas discussões presentes na realidade atual da sociedade brasileira.

Um ponto importante a ser levantado é a questão da regionalização da imprensa negra, uma vez que só foram identificados canais com esse formato em cinco estados brasileiros: São Paulo (com 12), Bahia (6), Minas Gerais (2), Rio de Janeiro (1) e Rio Grande do Sul (1). Conforme Domingues (2007, p. 106), as organizações de diversos órgãos do movimento negro brasileiro tiveram início em São Paulo nas primeiras décadas do século XX e na sequência se expandiram para estados como MG, BA, RJ e RS. Esta situação é apontada por Bastide (1983) para justificar a quantidade de jornais negros criados em São Paulo neste período – apesar de reconhecer a existência de jornais em outras localidades, como Salvador (BA). SP e BA seguem como principais polos dos jornais negros.

Levando em consideração o ambiente digital, a questão da localidade perde um pouco da relevância, principalmente quando se reflete sobre a possibilidade de indivíduos de localidades distintas terem acesso aos conteúdos produzidos. É importante destacar também que os canais analisados não buscam estabelecer uma referência direta com a localidade a partir de seus nomes, como é usual na imprensa tradicional - exemplos: *Folha de S. Paulo* (SP), *Estado de Minas* (MG), dentre outros. A única exceção é o *Bahia 1798* (BA). Em geral, os canais da imprensa negra apresentam-se como mídias com foco nas questões étnico-raciais.

A partir de uma análise geral é possível apontar como um diferencial da imprensa negra na atualidade, numa comparação com os veículos de comunicação dos séculos passados, a possibilidade de interação entre os produtores de conteúdos e os leitores, conforme aponta Peruzzo (2009, 142) ao falar sobre a relação com os públicos na internet. E neste sentido, a presença de todos os canais analisados nas redes sociais aponta para a observação desse potencial de atuação da imprensa negra contemporânea.

É importante destacar que a comunicação na internet, mesmo se tratando dos assuntos relacionados às questões raciais, não são propostas apenas pelos canais com formato de imprensa, mas por uma diversidade de atores. Destaca-se neste ponto a existência dos sites e fanpages dos próprios órgãos do movimento negro, os blogs, os canais do *Youtube*, dentre outros. Reconhece-se também a existência de canais com discursos relacionados às questões raciais, que por sua vez não possuem relação com os pensamentos populares – importa esclarecer que a partir do estudo exploratório não foi identificado nenhum canal de imprensa com este perfil, mas sabe-se da existência de blogs e *youtuberes* negros que

---

produzem conteúdos para contrapor as discussões propostas pelo movimento negro, geralmente ancorados no retórico discurso da existência da democracia racial brasileira. Segundo Peruzzo (2009) existem diferenças também no meio digital entre ser independente ou autônomo e ser alternativo na perspectiva da comunicação alternativa e popular. “Há meios com a finalidade de oferecer conteúdos condizentes com ampliação dos direitos de cidadania e de estabelecer a justiça social, mas há também outros que representam interesses individuais e de auto expressão, os quais podem ser de diferentes matizes, até mesmo conservadores” (PERUZZO, 2009, p.139).

Contudo, é possível destacar que a existência da imprensa negra no meio digital tem contribuído de forma incisiva para a reprodução de um discurso contra hegemônico no que se refere às questões raciais, uma vez que é presente este alinhamento com os órgãos do movimento negro, sendo que em alguns casos ocorrem de forma direta, uma vez que ao menos seis desses canais são abertamente ligados à órgãos negros. Esses canais acabam por desempenhar a difícil tarefa de denunciar a existência do racismo em uma sociedade dominada pela crença da democracia racial, com atuação de uma imprensa tradicional que ignora, minimiza ou estereotipa, por meio do sensacionalismo, as questões relacionadas ao povo negro, como aponta Mello (2004, p.42).

A imprensa negra brasileira desde os estudos de Bastide (1983) já se configura como “limitada” e de “pouco alcance” e talvez esta seja a conclusão de muitos ao olhar para a atualidade. Contudo, é necessário destacar primeiro que o ambiente digital derruba a barreira do alcance, que impedia, por exemplo, que os jornais negros produzidos em São Paulo fossem lidos por pessoas de regiões distantes do país. Em seguida, é importante destacar o impacto da imprensa negra atual nas redes sociais, a partir dos números de seguidores, destacando neste momento o portal *Geledes*, com seus 644.393 seguidores no Facebook, que por sua vez tem acesso direto às suas publicações deste canal negro.

Importa recorrer a Martin-Barbiero (2002, p.10) que destaca que internet tem o potencial de “despotencializar o centralismo burocrático da maioria das instituições, potencializado a criatividade social no desenho da participação cidadã”. Neste sentido, é possível considerar que o papel da tecnologia digital pode em muito contribuir com a sociedade, uma vez que possibilita a participação cidadã.

A imprensa negra que vinha passando por momentos de grandes dificuldades, seja para se manter em razão dos custos ou à dificuldade de acesso aos seus públicos, ao que tudo indica tem ganhando uma sobrevida com a internet. Conforme as informações

apresentadas neste estudo é possível visualizar o surgimento de novos canais negros nos últimos anos e assim refletir sobre um início de fortalecimento deste seguimento.

### **Conclusões**

A partir das discussões conceituais e da perspectiva histórica proposta neste estudo foi possível propor alguns apontamentos sobre a imprensa negra e relacioná-los que a realidade atual e a internet. É possível destacar, por exemplo, uma questão recontada desde o estudo de Bastide (1983) em relação a imprensa negra brasileira, que é a fragilidade e as dificuldades de manutenção dos canais de comunicação. A partir das informações apresentadas, é possível considerar que a imprensa negra continua enfrentando dualidades e limitações, porém o ambiente digital propicia custos menores, numa comparação ao jornal impresso, e ao menos tempo existe uma possibilidade maior de alcance maior, uma vez os conteúdos produzidos podem ser acessados de qualquer parte. As informações sobre os números de seguidores de alguns canais negros também reforçam o potencial de atuação da imprensa negra no meio digital.

Em suma, é importante pontuar também o sentido da existência da imprensa negra, uma vez que a partir das discussões propostas nas primeiras partes deste trabalho, é possível discutir o papel histórico dos canais negros, em contribuir com a visibilidade e o protagonismo ao povo negro, historicamente escanteado e subalternizado, inclusive nos conteúdos publicados pela mídia tradicional. Nesse sentido, apesar das limitações e guardadas às suas proporções de impacto e atuação é razoável considerar que a imprensa negra tem um papel importante na construção do sentido de cidadania do negro brasileiro e com a internet um potencial de impacto.

### **REFERÊNCIAS**

ALAKIJA, Ana. **Mídia e identidade negra**. (p. 108 – 154). Borges, R. C. S; Borges, R (org). Mídia e Racismo. Brasília, ABPN, 2012, 248 p.

ALCÂNTARA, L. M. **Ciberativismo e a Dimensão Comunicativa dos Movimentos Sociais**: repertórios, organização e difusão. Ver. Política e Sociedade, v.15, n.34, 2016

BASTIDE, R. **A imprensa negra do estado de São Paulo**. In: Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1983.

DOMINGUES, P. **Movimento Negro Brasileiro**: alguns apontamentos históricos. Revista Tempo, volume 23, 2007.

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**. Global Editora e Distribuidora Ltda, São Paulo, 2003.

GIL, A. C. **Como Elabora Projetos de Pesquisa**. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2010

---

MARTÍN-BARBERO, J. **Tecnicidades, identidades, alteridades**: mudanças e opacidade da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis (org). Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MELLO, E. **As cores da mulher negra no jornalismo**: In: CARRANÇA, F; BORGES, R. S. Espelho Infiel: O negro no jornalismo Brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CHAPARRO, M. C. **Pragmática do Jornalismo**. São Paulo: Summus, 1994.

CHAPARRO, M. C. **Sotaques D'aquém e D'Além Mar**: Percursos e Géneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém: Linopazas, 1998.

FERRARA, M. N. **A Imprensa Negra Paulista 1915 – 1963**. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 4, nº 10, p. 197-207, 1985.

MARCONDES FILHO, C. **O capital da notícia**: Jornalismo como produção social da segunda natureza. 2.ed. São Paulo: Atica, 1989.

MARQUES DE MELO, J. **Comunicação e Classes Subalternas**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1980. 230p

MOURA, C. **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo: Anita, 1994.

GROTH, O. **O poder cultural desconhecido**. Fundamentos da ciência dos jornais. Tradução Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2011.

PERUZZO, C. M. K **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revistados e reelaborações no setor**. Revista Palavra Clave, Volume 11, n.2. 2008.

PERUZZO, C. M. K. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. Galáxia, n.17, 2009.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação para o desenvolvimento, comunicação para a transformação social**. Em Monteiro Neto, Aristides. Sociedade, política e desenvolvimento - Desenvolvimento nas Ciências Sociais: o Estado das Artes; Livro 2 -. Brasília: Ipea. 2014.

PINTO, A. F. M. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

RAMOS, S. **Mídia e Racismo**. Rio de Janeiro: Palas 2002.

Ramos, D. G. **Revista Raça**: Identidade e discurso da mídia Negra. Dissertação de mestrado. ECA – USP. 2010.

ROSA, I. C. C. **Imprensa Negra**: descobertas para o Jornalismo brasileiro. Estudos em Jornalismo e Mídia – vol. 11, nº 1, 2014

SODRÉ, M. **Claros e Escuros** – Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.